

GRUPO LAÇOS – PROJETO DE FORMAÇÃO EM DANÇA

IZABELA LUCCHESE GAVIOLI¹; LÉLIO SANTOS DA SILVA¹; CAMILA COSTAMILAN SCHLICHTING¹; CONSUELO VALLANDRO BARBO¹; KAROLINE MASIERO DA SILVA¹; PIETRA EMANUELLE DE SOUZA MAGALHÃES¹

¹ UFRGS – izabela_lg@hotmail.com; leliodasilva@gmail.com; cacacsch@hotmail.com; consuelovallandro@yahoo.com.br; karolmasiero@gmail.com; pietraemanuelle16@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Grupo LAÇOS nasceu como um grupo independente (não vinculado a qualquer escola de dança) e iniciou seus primeiros trabalhos conceituais em 2007, tendo como linguagem norteadora a dança social em pares. Com o tempo, foram se somando a ela elementos técnicos, artísticos e simbólicos que constituíram uma identidade particular, mais ligada à hibridização. Entre as técnicas incorporadas encontram-se o *ballet* clássico, a dança contemporânea, o sapateado americano, a dança jazz, a dança aérea, as danças folclóricas, entre outras. A preparação corporal conta com as técnicas de Gyrotonic/Gyrokinesis®, técnicas acrobáticas e outras dirigidas à saúde laboral do profissional de dança. A partir de 2014 o Grupo LAÇOS tornou-se projeto de Extensão da UFRGS junto ao curso de Licenciatura em Dança, inserindo-se no contexto acadêmico de pesquisa coreográfica e formação de artistas do movimento. Hoje, o projeto está focado em oferecer treinamento e profissionalização para bailarinos, com aulas de diversas técnicas, compreensão e participação nos processos de criação coreográfica, oportunidades cênicas e capacitação em produção cultural. O Grupo recebe novos integrantes anualmente por audições, que são abertas a toda a comunidade. É liderado por profissionais de dança em atividade na área há mais de 40 anos, com registro em órgãos representativos (DRT, SATED e Associação Gaúcha de Dança). O objetivo deste relato é problematizar, através do *modus operandi* do Grupo LAÇOS, questões pertinentes às seguintes esferas: (1) FORMATIVA, representada pela escassez de meios de formação em dança cênica, sobretudo para artistas de iniciação pós-juvenil. Em nosso meio, com já escassas companhias de dança profissionais estáveis, percebemos que a formação dos bailarinos acontece, em sua maioria, em cursos livres privados, e eventualmente em projetos sociais para a infância e juventude. Quem apoia o artista da dança que deseja se profissionalizar mas não teve condições de iniciar cedo ou pagando? (NACHT, 2009; FERREIRA, 2010; NEVES, 2013; TRINDADE, 2019); (2) METODOLÓGICA: a subordinação das formas de funcionamento de grupos e companhias a editais e fomentos temporários, em que o elenco encontra-se com tempo limitado e objetivo específico, é uma realidade corrente. Este modelo, compreensível pela necessidade de subsistência das companhias, impõe limitações à profundidade e complexidade de desenvolvimento dos elencos, uma vez que delimita cronologicamente um processo que é essencialmente variável. A presença de uma limitação cronológica potencializa o citado em (1), determinando que as companhias realizem processos seletivos para trabalhar com bailarinos “prontos”. Mas quem “apronta” estes bailarinos? Se estamos sempre em evolução, como crescer e evoluir enquanto grupo sem o convívio do elenco? (NACHT, 2009; FERREIRA, 2010); (3) LABORAL: suportamos a premissa de que todo corpo pode dançar, mesmo profissionalmente, desde que receba capacitação compatível com sua corporalidade, objetivos e processos coreográficos. Evidentemente, por tratar-se de arte desenvolvida com o

corpo, a dança está sujeita às temporalidades e limitações orgânicas que cada corpo carrega. Entretanto, entendendo o corpo como instrumento, e não como fim em si, vemos potencial artístico em todos os corpos que desejem dispor-se à arte. Coreografar abrange, em seu conceito, o escopo do significado (e não apenas da forma); mensagens e significados podem ser transmitidos por qualquer corpo. Recebendo treinamento cuidadoso, adequado e de múltiplos estímulos, cada corpo pode atingir suas potencialidades máximas como portador de mensagem e significado. (TEIXEIRA, 2011, BASTOS, 2012; NEVES, 2013); (4) ARTÍSTICA: acreditamos no hibridismo no trabalho corporal, que não se limita à mistura heterogênea de elementos, mas à fusão de diferentes vivências e procedimentos em cada corpo. Todos os integrantes do elenco ensinam e aprendem, até que a decantação dos elementos traga novas e legítimas movimentações. Percebemos, no meio da dança, uma necessidade de conceituar, de compartimentalizar, determinando “a que categoria ou técnica” cada artista pertence. Entendemos a dança como um processo mental e corporal, em que a presença de significados é o mote principal. As técnicas utilizadas para chegar a ele podem ser múltiplas, e não devem servir para limitar o alcance de cada artista. (BASTOS, 2012; BRAGA, 2012; TREVISAN et al, 2016).

2. METODOLOGIA

Apresentamos um relato de caso, destacando a trajetória do Grupo LAÇOS, com documentações históricas e problematizações acerca de sua forma de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua estreia cênica, em 2010, o Grupo LAÇOS apresentou-se para um público acumulado de cerca de 22.620 pessoas, oferecendo oportunidades cênicas, em média, a cada 35 dias. Dos 55 bailarinos que já passaram pelo grupo, com idades entre 18 e 53 anos, alguns já tinham certa formação em dança, e outros apresentavam trajetórias incipientes, com passagens pelo desporto ou outras técnicas corporais. Hoje, muitos integram companhias profissionais de dança, são docentes ou coreógrafos, e recebem premiações públicas dentro e fora do Rio Grande do Sul. O Grupo foi selecionado para eventos como o Festival Dança.com, Mostras do Centro Municipal de Dança de Porto Alegre e Festival de Dança de Florianópolis (Prêmio Desterro 2013, 2014 e 2015). Recebeu premiações no Festival Sul em Dança e no Prêmio Desterro, em 2013 e 2014. O primeiro espetáculo do Grupo, “4 x 3 x 2 – Quatro Trilogias Dançadas a Dois” estreou em 2015 e recebeu 9 indicações ao Prêmio Açorianos de Dança (melhor espetáculo, direção, produção, coreografia, figurino, iluminação, bailarina, trilha e destaque em dança de salão), abarcando o prêmio de direção. Em 2017 o Grupo estreou seu segundo espetáculo: “A DEUSA DA MINHA RUA”. Com novo elenco e roteiro, a obra reestreou em 2019, recebendo a indicação de Destaque em Sapateado para a coreografia “MULHER DE FASES”. Em 2018 o Grupo foi indicado a Destaque em Projetos de Formação e Difusão do Prêmio Açorianos de Dança “pela coerência ao perfil de extensão universitária, disponível a uma comunidade não restrita ao universo acadêmico e pelo trabalho de exploração de diferentes linguagens de dança”.

4. CONCLUSÕES

As inovações obtidas com o trabalho do Grupo LAÇOS situam-se nas esferas formativa, metodológica, laboral e artística. O Grupo oferece gratuitamente treinamento continuado em técnicas complementares, incluindo compartilhamento de conhecimentos e supervisão processual. Através de uma carga horária contínua, acreditamos na consistência da formação pelo convívio do elenco; a liberdade de experimentar processos criativos não necessariamente vinculados ao cumprimento de uma agenda permitem a livre experimentação e ensejam a legitimidade produtiva do Grupo. Também é cara ao Grupo LAÇOS a premissa de que todos podem buscar a profissionalização em dança cênica, sem que isto esteja atrelado a um enfoque lúdico ou de entretenimento. Corpos de diversos biotipos e faixas etárias podem buscar este objetivo, uma vez que, em nossa compreensão, ele está ligado a significados, e não necessariamente a formas. Para isto, a clareza de objetivos e um cuidadoso treinamento corporal permitirão o desenvolvimento das potencialidades de cada artista. A saúde laboral do bailarino, com respeito a questões de bem estar, biotipos e potencialidades individuais está na base do trabalho corporal do Grupo. Por fim, acreditamos na pluralidade de possibilidades corporais para o desenvolvimento de nossos processos de criação. Um única técnica ou estilo não atendem nossas necessidades criativas, e todas as técnicas que possam vir a fortalecer o potencial cênico do grupo são bem-vindas. Esta abordagem híbrida respeita os tempos de desenvolvimento em cada corpo e entende a fusão de habilidades como um importante instrumento para a linguagem autoral em arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J. B. Companhias de Dança Contemporânea e bailarinos profissionais: negociações entre memórias corporais e o inédito. In: **VII CONGRESSO DA ABRACE**; Porto Alegre, 2012. Anais do VII Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Tempos de Memória: vestígios, ressonâncias e mutações. ISSN 2176-9516. Disponível em <http://portalabrace.org/memoria/viicongresso.htm>. Acesso 28/9/2020.

FERREIRA, A. Curso profissional de nível técnico em Dança: o que eles formam? In: TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. Capítulo 6, p.77-84.

NACHT, A. K. **A profissão de bailarino na cidade do Rio de Janeiro: mercado de trabalho, relações profissionais, decisões de carreira e identidade profissional**. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, PUC-Rio.

NEVES, J. C. L. Bailarinas e bailarinos: uma etnografia da dança como profissão. **Cadernos Pagu**, Campinas. V. 41, p. 201-238. 2013.

TEIXEIRA, A. C. E. O surgimento das companhias 2: uma pretensa “nova” forma de organização profissional de bailarinos que atingem idade em torno de 40 anos nas



companhias públicas de dança brasileiras. **Sala Preta**, São Paulo. v. 11, n. 1 p. 78-92. 2011.

TREVISAN, P.; SCHWARTZ, G.; RODRIGUES, N.; TEODORO, A. P. Educação e formação em dança: a inserção da expressão criativa nos cursos técnicos de dança na perspectiva de professores e bailarinos. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 29, n. 1, p. 185-206, 2016.

TRINDADE, A. L. **Identidade profissional do bailarino no Rio Grande do Sul: um estudo em memória social**. 2019. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle, Canoas.